

Apagou-se uma luz

Luiz Alex Silva Saraiva

1º de julho de 2016. Dezenas de mensagens no celular, dezenas de ligações não atendidas. Demoro um pouco a me dar conta de por que tantas tentativas de contato e do que está sendo falado, até que, fatidicamente, constato que André Felipe Vieira Colares, o querido Andrezinho, havia falecido no início do dia. Respondi a algumas mensagens, fiz algumas ligações para números que não lembro, conversei com algumas pessoas das quais agora não me recordo e, passadas algumas horas, veio o choque: André fora assassinado.

Recebi dezenas de ligações de todo o país, de amigos solidários com a minha dor e preocupados com o meu estado de espírito. A cada ligação, mais e mais dificuldade de falar, mais e mais dificuldade de conter as lágrimas. E uma tristeza, um sentimento de impotência, uma revolta inominável. Parecia que havia perdido um filho. E, de certa forma, dizer isso não é de todo inadequado, já que André veio para Belo Horizonte fazer o curso de Mestrado sob minha



orientação praticamente um menino e se tornou um homem nesse processo. Perdi um filho. Um ex-orientando. Um amigo. Um ser humano.

Passadas algumas semanas, só hoje tenho alguma serenidade para escrever este editorial, mesmo assim ciente de que ele não irá jamais traduzir o que senti, o que sinto, e muito menos a dimensão da perda que tivemos eu e que todos os que tiveram a oportunidade de conviver com André.

Dois dias antes de a sua vida ter sido tirada, André me perguntou como fazia para criar uma revista. Enquanto mandava a resposta, pensei: "O que esse menino está inventando dessa vez?". André era assim. Sempre com pressa. Sempre correndo atrás de algo que parecia estar ali, logo na sua frente, mesmo que ninguém além dele enxergasse. Sempre com ideias de artigos, de aulas, de metodologias, de possibilidades. Seu ritmo acelerado era uma marca registrada, uma espécie de sede de vida, sede de tudo. Sede que, infelizmente, não será saciada.

Este número é dedicado à sua memória e, por extensão, este número também é dedicado à memória de todxs os gays, as lésbicas, xs bissexuais, xs transexuais, as travestis, xs transgêneros, xs intersexuais, xs queers que têm sido sistematicamente assassinadxs por serem quem são, um verdadeiro extermínio

das diferenças para o qual insistimos em fechar os olhos. Ao fazermos isso, somos coniventes com uma ordem estupidamente estabelecida, assentada sobre uma noção de normalidade à qual nenhum de nós tem condição de corresponder integralmente. A todxs xs familiares, amigxs, companheirxs, ativistas, nossa solidariedade. A todas essas pessoas assassinadas, dedicamos este número e fazemos deste editorial um momento de registro e de respeito pela sua força e coragem de assumirem ser quem são.

A capa deste número sete de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, *Nossos muros!* é, coincidentemente, de autoria de *André Felipe Vieira Colares*. A partir dessa fotografia do muro de Berlim, ele reflete sobre as divisões, separações e segregações impostas pelos muros que insistem em nos dividir.

A seção de artigos conta com quatro textos. De *Juliana Cristina Teixeira*, *Denis Alves Perdigão* e *Alexandre de Pádua Carrieri*, *O discurso gerencialista e a construção de ideais estéticos femininos e masculinos* se propõe a problematizar a estética idealizada nos discursos gerencialistas. A partir de uma discussão crítica sobre os discursos gerencialistas e a construção da imagem de sucesso, e sobre a construção social de feminilidades e masculinidades, xs autorxs se debruçam sobre o discurso gerencialista de uma empresa do setor automobilístico, tendo observado que os corpos dos sujeitos são disciplinados como corpos profissionais por meio da

construção de ideais estéticos associados à imagem gerencialista do profissional de sucesso e a feminilidades e masculinidades hegemônicas.

Marcia Josefina Beffa nos brinda, em *A produção de sentidos de ser humano e a possibilidade de uma prática administrativa transformadora*, com um estudo voltado a compreender quais os sentidos os administradores produzem de ser humano a partir da prática administrativa, bem como esses sentidos orientam suas ações nas organizações. Partindo do construcionismo social, a autora considerou a produção de sentidos como meio para traduzir formas de ver e pensar o mundo, num descortinamento da realidade, ressignificando o cotidiano na sua essência como força motriz da sociedade em busca de mudança social. Os principais achados revelam que os sentidos produzidos de ser humano se caracterizam como práticas mantenedoras da ideologia dominante, o que precisa ser objeto de atenção rumo a organizações mais humanizadas.

Em *“Sumak Kawsay or Buen Vivir”, an alternative development model in the Andean State?*, Ryan Joseph Cobey e Mariana Lima Bandeira se debruçam sobre o modelo de desenvolvimento em curso no Equador, orientado pelos conceitos indígenas de “multiculturalismo” e “plurinacionalidade” na governança pública. Os principais resultados revelam que ainda que haja forte legado indígena neste país e esforços no sentido de modificar a orientação da construção da política pública, o

Equador continua dentro da lógica ocidental. Os conceitos indígenas, assim, promovem uma contextualização importante para a análise de alternativas possíveis de política pública na América Latina, especialmente na região Andina.

O último dos textos desta seção, *Policiais na rede: repertórios interpretativos nas manifestações discursivas de comunidades criadas por policiais no Facebook*, de *Rafael Alcadipani e Cintia Rodrigues de O. Medeiros*, foi construído em torno do objetivo de explorar os repertórios interpretativos presentes nas discussões produzidas na rede social online, por policiais, conjuntamente com usuários da rede, acerca do ambiente das forças policiais no Brasil. Mediante a análise de práticas discursivas de perspectiva construcionista social, os resultados sugerem três repertórios interpretativos nas práticas discursivas em comunidades da força policial brasileira nas postagens e interações analisadas: “Bandido bom é bandido morto”, “Soldado-herói” e “Soldado morto, farda em outro”. Esses repertórios sugerem manifestações de resistência, em um quadro dinâmico complexo de análise.

A seção ensaios conta com dois textos. No primeiro deles, *De pequenos negócios de feira à metodologia científica: avanços a partir de (e para) experiências em contexto agreste*, *Márcio Gomes de Sá e Pedro Lincoln Carneiro Leão de Mattos*, propõem reflexões sobre experiências de pesquisa científica num contexto geoeconômico e humano bem

particular, envolvendo feirantes, empresários e executivos. Os autores relatam dois desafios: o primeiro, de que é necessário o desenvolvimento de estratégias e instrumentos metodológicos apropriados a este tipo de contexto e à condição dos seus protagonistas; o segundo interroga como a literatura contemporânea de Sociologia, História e Filosofia da Ciência poderia municiar o pesquisador para tal prática de pesquisa. Após a apresentação do contexto e dos pesquisados, dificuldades e questões vividas nas experiências relatadas e problematizadas em termos metodológicos são articuladas reflexivamente com a referida literatura, trazendo, como resultado, avanços metodológicos contextualizados em torno de reflexões epistemológicas ajustadas ao contexto local.

Kettle Duarte Paes e Felipe Amaral Borges, em O sujeito lacaniano e a organização rizomática: devires-máquinas-de-guerra, problematizam as bases epistemológicas da noção de sujeito que subjaz à ideia hegemônica de organização, suportada por um regime de verdade pautado na racionalidade, no individualismo e na finalidade. O ensaio é construído a partir das noções de rizoma e máquina de guerra, de Deleuze e Guattari, e seu rompimento com o pensamento binário que impera na Filosofia ocidental. Os autores propõem que em uma organização-rizoma em conjunto com o sujeito falta-a-ser, flui a multiplicidade, a criatividade e as horizontalidades capazes de questionar a ordem estabelecida, o que é necessário para experimentações dos autores e leitores do texto.

A seção provocações conta com *Livro de receitas*, de *Anderson de Souza Sant'Anna*. A partir de uma matriz teórica a analítica foucaultiana de poder, a receita deriva de programa de pesquisa destinado a investigar relações entre os construtos “espaço” e “práticas sociais”, com destaque para a análise de suas implicações para a instância das relações de poder intra e extraorganizacionais. O autor revisita receitas de menus internacionais, com toques de ingredientes locais, incluindo aqueles ainda periféricos ou cotidianamente ignorados que, todavia, se apresentam como emblemáticos da difusão e introjeção de discursos e práticas que suportam tais relações no contemporâneo. O banheiro dos homens é investigado como dispositivo de produção, transmissão e reprodução de subjetividades que suportam discursos e práticas de poder. Destacam-se, ainda, formas contemporâneas de apropriação e ressignificação da noção de virilidade como fundamento e instância política.

Na seção entrevistas, *Teun A. van Dijk* concedeu a *Luiz Alex Silva Saraiva*, Editor-Chefe de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, a entrevista *Discurso, organizações e sociedade*. Eles conversaram sobre aspectos gerais da análise do discurso, e posteriormente sobre temáticas mais especificamente relacionadas às interfaces entre discurso, organizações e sociedade. A entrevista se encerra com uma extensa lista de indicações bibliográficas sobre análise do discurso em organizações e sobre aspectos mais gerais da análise do discurso.

Na seção depoimentos, em *Metonímia de um extermínio: a violência contra a população LGBT*, Luiz Alex Silva Saraiva, por meio de uma metonímia em torno do assassinato de André Felipe Vieira Colares, a quem este número é dedicado, discute as muitas omissões e conivências a que todos nós estamos sujeitos ao nos acostumarmos e nos calarmos com os milhares de assassinatos da população LGBT no país. O alerta é claro: quem cala, literalmente consente (SARAIVA, 2015), e já passou da hora do fim do silêncio.

A última seção, resenhas, traz o texto *Um olhar da Psicodinâmica do trabalho sobre o filme "Que horas ela volta?"*, de Liliam Deisy Ghizoni, Almerinda Maria Skeff Cunha, Diêgo Araujo Silva, Nadja de Oliveira Figueiredo e Philipe Lira de Carvalho. Xs autorxs abordam criticamente o filme citado, que retrata o cotidiano de uma empregada doméstica. À luz dos conceitos e categorias da Psicodinâmica do Trabalho, a análise é feita a partir de três eixos: a) Organização do Trabalho e legislação pertinente à empregada doméstica; b) Sofrimento & Defesas; e c) Mobilização Subjetiva. O olhar sobre o filme revela todo um sistema que asseta sobre a ideia de conformidade dos trabalhadores domésticos, o que é sistematicamente tratado pelxs autorxs.

Como mencionamos no início deste editorial, este número de Farol – Revista de estudos Organizacionais e Sociedade é dedicado à memória de André Felipe

Vieira Colares, cuja luz se apagou em 1º de julho de 2016, e a todxs as pessoas da população LGBT que foram assassinadxs no Brasil. A todxs essas pessoas, nossa homenagem. Que em um futuro próximo possamos todxs reconhecer que silêncio é conivência, e que possamos ter mais sensibilidade e empatia para com o outro – que, no fundo, somos nós mesmos (SARAIVA, 2016), ainda que muitas vezes não sejamos capaz de compreender. Que a luz, enfim, possa chegar a todxs nós.

Referências

SARAIVA, L. A. S. A escuridão da adesão somente a si. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 1-9, abr. 2016.

SARAIVA, L. A. S. À violência, a luz! Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-8, abr. 2015.

Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. Apagou-se uma luz. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 374-382, ago. 2016.